

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE  
HISTÓRIA DA ÁFRICA**

**MARCUS VINICIUS PEREIRA SANTOS**

**TINTIM NO CONGO E O ENSINO DE HISTÓRIA DA  
ÁFRICA ATRAVÉS DOS QUADRINHOS**

Rio de Janeiro

2025

**Marcus Vinicius Pereira Santos**

**TINTIM NO CONGO E O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ATRAVÉS DOS  
QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador(a): Prof. Dr. Higor Figueira Ferreira.

Rio de Janeiro

2025

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S237 Santos, Marcus Vinicius Pereira

Tintim no Congo e o ensino de História da África através dos quadrinhos / Marcus Vinicius Pereira Santos. - Rio de Janeiro, 2025.

48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Higor Figueira Ferreira.

1. História da África - Estudo e ensino. 2. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. 3. Eugenia. 4. Histórias em quadrinhos na educação. 5. Hergé, 1907-1983. As Aventuras de Tintim. 6. Educação antirracista. I. Ferreira, Higor Figueira. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**MARCUS VINICIUS PEREIRA SANTOS**

**TINTIM NO CONGO E O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA ATRAVÉS DOS  
QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 24 de abril de 2025.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Higor Figueira Ferreira  
Colégio Pedro II  
Orientador

---

Prof. Dr. Gabriel da Fonseca Onofre  
Colégio Pedro II

---

Profa. Me. Arthur Torres Caser  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2025

“Lutamos para sermos reconhecidos como seres  
humanos.”  
— Malcolm X

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que sempre me apoiou e nunca deixou que eu desistisse nos momentos mais difíceis da minha jornada acadêmica.

Ao meu orientador Higor Ferreira, por todo apoio, atenção e por compreender as dificuldades da vida.

À minha turma de Pós-Graduação, pelo acolhimento e pelas trocas tão enriquecedoras.

## RESUMO

SANTOS, Marcus Vinicius Pereira. **Tintim no Congo e o ensino de História da África através dos Quadrinhos**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

No presente trabalho é feito uma análise centrada na obra “As aventuras de Tintim no Congo” do artista belga Hergé (1907-1983). Tintim foi um sucesso mundial ao longo do século XX, vendendo milhões de publicações e ainda estando presente na atualidade, o que facilitaria a atrair o público estudantil que estão presentes nas salas de aula. Esta publicação é uma das mais conhecidas aventuras em HQ se passa na África – mais precisamente no Congo – e que pode ser utilizada como recurso pedagógico para implantar a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História da África e da cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica. É apresentado também como as novas ciências do XIX, a eugenia e o darwinismo social, influenciaram Hergé e impactaram a sociedade e os intelectuais brasileiros, como Monteiro Lobato. Através das páginas do Tintim no Congo proponho uma educação antirracista e afrocentrada.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03; eugenia; histórias em quadrinho; Hergé; educação antirracista; Tintim.

## ABSTRACT

SANTOS, Marcus Vinicius Pereira. **Tintim no Congo e o ensino de História da África através dos Quadrinhos**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

This study presents a critical analysis of the comic book "Tintin in the Congo" by Hergé (1907-1983), a globally renowned series that has sold millions of copies and remains widely read today. The comic's enduring popularity makes it an effective tool for engaging students in discussions about African History and culture, as mandated by Law 10.639/03 in Brazil. The research examines how 19th-century pseudoscientific theories, including eugenics and social Darwinism, influenced Hergé's depiction of Africa and its people. It also explores the broader impact of these theories on Brazilian intellectuals, such as Monteiro Lobato, and society as a whole. By analyzing the representation of Africa and Africans in "Tintin in the Congo," this study aims to contribute to the development of anti-racist and Afro-centered educational approaches. The goal is to promote a more nuanced understanding of African History and culture, and to encourage critical thinking about the ways in which cultural artifacts reflect and shape societal attitudes.

**Keywords:** Law 10.639/03; eugenics; comics; Hergé; anti-racist education; Tintin

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hergé ao lado do busto de Tintim. ....	24
Figura 2 – Retorno do Congo belga a Bruxelas em 1931, Tintim e Milu são festejados pela multidão de seus admiradores reunidos no Petit Vintième.....	26
Figura 3 – Uniforme belga de 2024 inspirado nas roupas de Tintim.....	27
Figura 4 – Capa do álbum Tintim no Congo.....	29
Figura 5 – Marujo negro conversa com Tintim.....	30
Figura 6 – Negro carrega um serrote.....	31
Figura 7 – Tintim e o camareiro.....	32
Figura 8 – Milu sendo examinado pelo oficial branco.....	32
Figura 9 – Tintim chega a África e é recebido calorosamente pelos nativos.....	33
Figura 10 – Tintim conversa com Coco.....	34
Figura 11 – Coco leva um susto com Tintim fantasiado de macaco.....	35
Figura 12 – Tintim dando uma ordem para o Coco vigiar o carro.....	35
Figura 13 – Tintim dando ordem para os negros consertarem o trem.....	36
Figura 14 – Tintim derrota o feiticeiro.....	37
Figura 15 – Tintim no gramofone.....	38
Figura 16 – Tintim é salvo pelo missionário.....	39
Figura 17 – Tintim entrando na sala de aula dos nativos.....	39
Figura 18 – Milu sentado no trono dos pigmeus.....	42
Figura 19 – Tintim curva-se ao rei Milu.....	42
Figura 20 – Tintim e Milu são transformados em ídolos.....	44

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>AS TEORIAS RACIAIS CHEGAM AO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>HERGÉ, UMA MINIBIOGRAFIA .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>UMA ANÁLISE DA HQ TINTIM NO CONGO.....</b>	<b>29</b>
<b>5</b>	<b>AS AVENTURAS DE TINTIM NA SALA DE AULA .....</b>	<b>44</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2014 tive a oportunidade de concluir a graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Contudo, me formei sem fazer qualquer matéria que me apresentasse a África ou os afrodescendentes a partir de uma perspectiva afrocentrada. Diante de tal cenário é de se imaginar a importância da Especialização em Ensino de História da África (EEHA) do Colégio Pedro II na minha formação acadêmica e pessoal. A experiência de estudar a África a partir das suas conjunturas culturais, econômicas, políticas e sociais, inclusive a partir de autores africanos, foi de fato muito gratificante e tem gerado impactos perenes na minha forma de abordar temáticas concernentes ao continente africano e seus povos na sala de aula, onde atuo regularmente enquanto professor das turmas de 9º ano, 1ª série, 2ª série e 3ª série.

Em vista da minha atuação escolar, tinha em mente o desejo de produzir o meu trabalho final considerando justamente a prática docente. Levei essa questão ao meu orientador, Higor Ferreira, que também exerce docência na Educação Básica. Em nossas conversas ele me sugeriu realizar um trabalho de conclusão centrado na análise da obra “As Aventuras de Tintim no Congo” de Georges Remi, escritor e artista belga também conhecido como Hergé (1907-1983). De imediato a proposta me atraiu. Tintim é apresentado em Histórias em Quadrinhos (HQs), desenhos e filmes como um repórter detetive europeu que circula o mundo passando por aventuras, resolvendo mistérios e derrotando todos os tipos de inimigos (reais ou imaginários) por meio da sua inteligência (Tambascia, 2004, p. 61). O personagem foi um fenômeno global ao longo do XX, vendendo milhões de tiragens entre 1930 e 1980, estando ainda presente em produções da atualidade, o que me ajudaria a atrair o público estudantil com o qual habitualmente lido nas salas de aula. Considerando que uma das suas mais conhecidas aventuras de HQ se passa na África – mais precisamente no Congo – entendi que esta seria uma forma interessante de recurso pedagógico para implantar a Lei 10.639/03 – que tornou obrigatório o ensino de História da África e da cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica.

O Congo, região para a qual Tintim parte à época, era colônia particular de Leopoldo II, monarca belga. Esse processo de apropriação territorial se iniciou em 1879 com a criação da Association Internationale du Congo (AIC), fundação que se apresentava como instrumento de combate ao tráfico de escravizados, enquanto servia ao projeto de controle do grande território do rio Congo (Parada, 2013, p. 31). Essa vinculação histórica aproximou o Congo do imaginário belga, uma vez que este era habitualmente apresentado em jornais e propagandas coloniais. É justamente em meio a esse contexto social e ideológico – centrado no colonialismo e no racismo científico do XIX – que Hergé retrata o Congo enquanto um lugar exótico para o qual Tintim

parte em uma de suas aventuras, reforçando o lugar do homem branco neste processo de controle (Tambascia, 2004, p. 74).

Àquela ocasião a economia mundial seguia o ritmo do grande desenvolvimento capitalista industrial que, gradativamente, adotava a lógica de que os “mais desenvolvidos dominam os mais atrasados”. Logo, uma economia imperialista (Hobsbawm, 2009, p. 98). O Pacífico foi completamente dominado, os impérios tradicionais asiáticos foram delimitados como “zonas de influência”, a África foi repartida no Congresso de Berlim e dominada pelos europeus<sup>1</sup>.

De fato, a sua civilização agora precisava do exótico. O desenvolvimento tecnológico agora dependia de matérias-primas que, devido ao clima ou ao acaso geológico, seriam encontradas exclusivas ou profusamente em lugares remotos. O motor de combustão interna, criação típica do período que nos ocupa, dependia do petróleo e da borracha. O petróleo ainda vinha predominantemente dos EUA e da Europa (da Rússia e, muito atrás da Romênia), mas os campos petrolíferos do Oriente Médio já eram objetos de intenso confronto e conchavo diplomático. A borracha era um produto exclusivamente tropical, extraída [...] nas florestas equatoriais do Congo e da Amazônia” (Hobsbawm, 2009, p. 107).

Concomitantemente a isso surgiam novas filosofias e ciências, tais como o positivismo de Comte, a sociologia de Durkheim, a biologia de Darwin e a eugenia de Galton e Lombroso, influenciando não apenas o continente europeu, mas o próprio Brasil. A ciência ocupava um lugar basilar na formação da ordem. Teorias raciais foram desenvolvidas para justificar as diferenças sociais, econômicas e políticas entre as muitas civilizações, criando assim um determinismo biológico que colocava a raça branca como a mais evoluída e a raça negra como menos evoluída. Ideólogos racistas criaram três escolas (étnico-biológica, escola histórica e a darwinista social) (Goés, 2015, p. 33) que tiveram o papel de explicar e difundir a lógica da “inferioridade” inata de outros povos, além de criar recursos teóricos para os países que aspiravam uma identidade nacional que seguisse o padrão europeu, como vai ser o caso do Brasil.

Todo esse contexto europeu de imperialismo, industrialização e de avanços científicos influenciou a formação de uma mentalidade social e cultural, que corroborava com a práticas civilizatórias e hierárquicas, que eram utilizadas para justificar a dominação e a exploração da Europa sobre as suas colônias. Estas influências ultrapassaram as fronteiras europeias e chegaram ao Brasil, que é uma sociedade ocidental moldada nos princípios de hierarquização social. Por isto, as propostas da eugenia tiveram grande sucesso e influenciaram diversos

---

<sup>1</sup> Com exceção da Tailândia, Etiópia, da Libéria e de parte do Marrocos.

cientistas e políticos a implementarem medidas que visavam transformar a sociedade brasileira no “modelo ideal” de civilização. O sucesso e a popularidade, no Brasil e na Europa, destes modelos civilizatórios, foram os argumentos utilizados pelas potências mundiais para explorar e subjugar os povos africanos, no final do XIX e nas primeiras décadas do XX.

No Brasil, a eugenia e o darwinismo social influenciaram políticos, artistas, intelectuais, em suma, diversos setores sociais absorviam e reproduziam o racismo, além de buscar soluções para reduzir a participação de indivíduos disgênicos que “atrapalhavam” o progresso da República (Goés, 2015, p. 3). Raimundo Nina Rodrigues (jurista e médico) e Monteiro Lobato (escritor) foram utilizados por mim como exemplos de brasileiros, com grande prestígio social e reconhecidos pelos seus respectivos pares, que defendiam a tese que um “indivíduo padrão” consolidaria a prosperidade nacional.

Posto que, as obras desenvolvidas por Nina Rodrigues e Lobato tiveram influência da eugenia, este trabalho também busca criar argumento e repertório que comprovem que as obras do Hergé, exibem o racismo e a lógica da supremacia do branco sobre o “menos civilizado” (Tambascia, 2004, p. 84).

Diante do apresentado, desenvolverei o trabalho da seguinte maneira.

Na segunda seção, intitulada “As teorias raciais chegam ao Brasil”, apresentarei algumas das transformações de mentalidade próprias do XIX, demonstrando como os paradigmas ideológicos do período foram forjados a partir de fundamentos da ciência racial, desdobrando-se em projetos de poder fundados na eugenia e colonialismo. Neste sentido, refletiremos sobre intelectuais que tiveram obras acolhidas na Europa, bem como no Brasil, demonstrando que estes efeitos também podem ser pensados no contexto da nossa formação nacional.

Na terceira seção, intitulada “Hergé, uma minibiografia”, busco fazer uma imersão na vida e na obra do Hergé, compreendendo sua origem familiar, seus primeiros vínculos profissionais como repórter jornalista e como seu personagem Tintim foi um sucesso desde a primeira publicação. Neste capítulo demonstro a necessidade e as dificuldades de se produzir uma educação antirracista e multiculturalista que respeita a diversidade étnica, fazendo um projeto pedagógico que combata o currículo eurocentrado.

Na quarta seção, intitulada “Uma análise da HQ Tintim no Congo”, promovo uma análise da obra “As aventuras de Tintim no Congo”, destacando os fragmentos que utilizam uma linguagem (visual e escrita) que reforça uma suposta dicotomia entre “Europa civilizada” e “África primitiva”.

Na quinta seção, intitulada “As aventuras de Tintim na sala de aula”, encerro o trabalho propondo uma atividade pedagógica, por meio do uso da referida HQ, que pode ser replicada

por outros professores da Educação Básica. Considerando a Lei 10.639/03, a proposta visa oferecer aos discentes um instrumento para refletir criticamente sobre o mito da superioridade branca/inferioridade negra, algo que ainda a seu modo difundido nos meios sociais, inclusive por meio de um sistema educacional monocultural eurocentrado (Munanga, 2010).

Diante de tudo que foi exposto, este trabalho não tem a pretensão de acabar com a análise desta fonte, acredito ainda possa ser utilizada de diversas outras maneiras pedagógicas e didáticas, sempre sendo explorado a criatividade e o trabalho do docente e discente.

## **2 AS TEORIAS RACIAIS CHEGAM AO BRASIL**

Para compreender a mentalidade de Hergé – autor das histórias em quadrinho “As aventuras de Tintin” – precisamos voltar à Europa do XIX, espaço do desenvolvimento de diversas ciências, dentre elas a eugenia, teoria que defende a lógica e a busca por um “melhoramento genético” por meio da supressão da miscigenação de raças, esterilização de indivíduos e estimulando a reprodução de indivíduo que tenha boas características, garantindo, supostamente, menores deformidades e vícios, culminando assim na criação de “indivíduos padrão”.

A ciência eugênica serviu de argumento e base teórica para a criação de projetos estatais na Europa e nas Américas, nisto incluso o Brasil que, durante a Primeira República, lançara mão de políticas imigratórias que subvencionavam a vinda de imigrantes de origem europeia no intuito de promover branqueamento racial. Dado o seu caráter racial, a eugenia é atualmente percebida enquanto uma “ciência não-legítima” (Carvalho, 2014, p. 2), embora tenha sido vista como pertinente ao longo dos séculos XIX e XX. Era uma ciência que defendia a aplicação de medidas extremamente violentas para impedir a proliferação de indivíduos racialmente “indesejáveis” como a segregação racial, esterilização eugênica e a eutanásia (Souza, 2016, p. 100). A Alemanha nazista chegou a implementar uma higiene racial, quando instituiu leis de esterilização em todo o Reich; no Estados Unidos ocorreu aplicação de leis segregacionistas; já no Brasil, se defendia a imigração de alemães e escandinavos, pois é na Europa Setentrional, que se predominam as características hereditárias mais “satisfatórias” e impedir a entrada de imigrantes negros e asiáticos, porque eram inferiores e degenerados (Souza, 2016, p. 105).

O contexto intelectual do XIX, e do quartel inicial do XX, assim como as mentalidades e nomes dos cientistas comprometidos com a eugenia, são de grande relevância para o desencadeamento do presente trabalho. Francis Galton (1822- 1911) e Cesare Lombroso (1835- 1909) foram alguns dos principais defensores e propagadores da eugenia à época, tendo grande

circulação nos ambientes acadêmicos. Neste mesmo período surgiram ideias científicas de considerável repercussão, como as presentes em “A origem das espécies” de Charles Darwin, nas teorias de Lamarck, bem como nas leis de hereditariedade de Mendel. Estas revelam o tipo de momento e ambiente de intercâmbio intelectual que predominava na Europa (Carvalho, 2014, p2).

A eugenia também contou com entusiastas brasileiros. Raimundo Nina Rodrigues, intelectual da Antropologia Criminalista (Carvalho, 2014, p. 1), era grande defensor destas ideias. Ele será diretamente influenciado pela publicação *Criminal Man* (1876) de Cesare Lombroso. Nela, Lombroso destacava haver características fisionômicas humanas que indicavam uma maior suscetibilidade para a prática de crimes. Ou seja, havia um esforço no intuito de determinar antecipadamente quais eram os traços que denunciavam uma tendência à criminalidade. Neste sentido, Leonardo Dellacqua comenta que:

[...]Traçar padrões hereditários a partir de doenças, árvore genealógica ou ainda, padrões físicos, como arcada dentária, medição de mãos, pés, crânios e até mesmo tatuagens e fezes, indicavam indivíduos desviantes socialmente ou propensos à criminalidade. Suas observações mostram também o trato do criminoso como um doente, onde deveriam ser identificadas as causas e seus tratamentos. Outros fatores externos poderiam colaborar para a criminalidade, como é o caso da imigração, condições econômicas, densidade populacional, educação e o clima” (Carvalho, 2014, p. 6).

Nina Rodrigues e Hergé eram influenciados direta e indiretamente pelo contexto social e cultural que reproduziam as ideias de Lombroso e de outros intelectuais do darwinismo social, como Louis Agassiz (1807-1873), o conde Arthur de Gobineau (1816-1882), Henry Thomas Buckle (1821-1862), Benjamin Kidd (1858-1916), Georges Vacher de Lapouge (1854-1936) e Gustavo Le Bon (1841-1931). O Brasil foi um solo fértil para a propagação destas ideias e a biologia passou a receber a responsabilidade de resolver o “problema social” brasileiro. O médico eugenista brasileiro Renato Kehl (1889-1974) argumentava que a “nacionalidade embranquecerá com muito sabão de cocô Ariano”, por isso foi defensor de uma política de Estado de caráter eugênico, apoiando a chegada de alemães, rejeitando a imigração japonesa, chinesa e judaica (Carvalho, 2014, p. 9-12)

Retomando o aspecto da propensão ao crime, havia também um argumento determinista no âmbito climático, uma vez que o clima quente seria supostamente responsável por favorecer o aumento da criminalidade, o que fazia com que as raças negra, cigana e árabe tivessem uma tendência acentuada às práticas desviantes.

O Brasil foi o primeiro país na América Latina a ter um movimento influenciado por estas

ideias eugênicas e a conseguir angariar o maior número de integrantes, quando comparado com os outros países latinos. A primeira instituição brasileira voltada a esse propósito foi a Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1910. Ela possuía 140 membros, contando majoritariamente com médicos e intelectuais. Em 1929, ocorreu o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, no ano seguinte, foi fundada a Comissão Central Brasileira de Eugenia. O movimento eugênico estava tão bem organizado que publicou o Boletim de Eugenia, que teve circulação entre os anos de 1929 e 1934. Essas organizações tiveram tanto prestígio social, que possibilitou o Brasil ser o país latino que teve maior número de instituições que defendiam a eugenia. (Souza, 2016, p. 96).

É esta ciência do século XIX que dará forma a algumas posições que serão defendidas como possíveis projetos de Estado para o Brasil nas primeiras décadas do século XX. Os pesquisadores que faziam parte dos museus nacionais – Museu Nacional (1808), Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1894) – utilizavam da perspectiva evolucionista para defender que determinadas culturas eram atrasadas. João Batista Lacerda, membro do Museu Nacional, analisou onze cérebros dos Botocudos<sup>2</sup> e concluiu que eram intelectualmente limitados e que dificilmente iriam percorrer o “caminho da civilização”. (Schwarcz, 1993, p.58). Schwarcz afirma que diversos cientistas, que eram membros dos museus nacionais, aplicavam os princípios do evolucionismo social e das teorias raciais, por isso defendiam os conceitos de “degeneração racial”, da “inferioridade humana” e que o “branqueamento racial” poderia ser uma medida implementada no Brasil. (Schwarcz 1993, p. 71). Outros organismos estatais, também foram estudados pela professora, são estes: o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro (IHGB, 1839), o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano (IAGP, 1862), o Instituto Histórico e Geographico de São Paulo (IHGSP, 1894); que também compartilhavam do princípio do “branqueamento social”, do “evolucionismo” e do “determinismo racial”. Estas ideias ficam evidentes em diversas publicações da Revista do IHGB, quando o negro é inferiorizado. Na publicação de 1884 é possível ler que “as populações negras vivem no estado mais baixo de civilização humana”, em um outro artigo, de 1891, foi defendido que “os negros representam um exemplo de grupo incivilizável” (Schwarcz, 1993, p. 83).

Ainda na obra *Espetáculo das Raças*, de Lilia Schwarcz, observa os dados do Censo brasileiro de 1872 que apontam para uma maioria negra e mestiça, correspondendo a 55% total da população. Já no censo de 1890, a proporção da população negra e mestiça chegaria a 56%

---

<sup>2</sup> Indígenas que ocupavam a Mata Atlântica entre as regiões do Espírito Santo e Bahia.

em um universo de 14.333.915 brasileiros (Schwarcz, 1993, p. 184). Assumindo a perspectiva eugenista, o Brasil estaria, portanto, mais propenso a gerar indivíduos hereditariamente inferiores. Por isso, a implementação de um conjunto de medidas contraceptivas estatais, principalmente pela República recém-proclamada, como um Código Penal de 1890 que criminalizava manifestações culturais dos povos negros, como o samba, que passou a ser enquadrado no crime de vadiagem, a capoeira e os ritos religiosos, uma política imigratória e a construção imagética de uma sociedade de padrões civilizatórios europeus foram cruciais para aquela elite branca republicana. A contribuição de Nina Rodrigues foi fundamental para a consolidação e amadurecimento deste racismo praticado pelo Estado, pois ele acreditava que o negro estava no degrau inferior da humanidade (Hofbauer, 2015, p. 88).

Embora defensores de uma ciência com forte cunho racial, os eugenistas também frequentemente discordavam. Nina Rodrigues não compartilhava, por exemplo, da lógica da evolução social por meio da miscigenação. Para ele essa prática provocaria degeneração com a concepção de uma “sub-raça”, pois o mestiço é o desequilibrado, sem a energia física dos ascendentes selvagens, desprovido da intelectualidade dos ancestrais superiores, com uma moralidade rudimentar e impossibilitado de criar laços solidários entre as gerações opostas. Para chegar ao nível de “progresso civilizatório” almejado, deveria ser impedido que as raças inferiores, transmitissem as suas doenças mentais, imorais e seus vícios (Goés, 2015, p. 88). Afora isso, Nina promovia reflexões sobre as religiões afro-brasileiras, concluindo que as suas devoções eram atrasadas, além de resultantes de perigosos amálgamas que apenas serviam para ofender a Deus e perverter a alma (Carvalho, 2014, p. 14).

Na sua principal obra, “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil” (1894), Nina Rodrigues tenta aproximar as noções da ciência jurídica com a medicina e utiliza a craniometria<sup>3</sup>, para determinar padrões do corpo humano e assim identificar propensos criminosos, com destaque para o elemento negro da sociedade que era visto como inferior por excelência (Carvalho, 2014, p. 15). No capítulo 3 do livro, ele apresenta o balanço de oito anos de uma penitenciária, onde analisou, minuciosamente, os crimes e as “raças” que estavam envolvidas.

No índice ‘homicídios’, Nina destacou que brancos foram responsáveis por 55 dos casos, negros crioulos 76 e pardos 175 casos. Em lesões corporais brancos cometeram 20, negros crioulos 22 e pardos 43. Estupros não houve computação de brancos, enquanto negros crioulos possuem 1 caso e pardos 4. Por último, o índice de furtos e

---

<sup>3</sup> Técnica para medir crânio e assim estudar as suas características. Diversas áreas do conhecimento utilizam estas técnicas, como, Antropologia forense, Odontologia, Medicina. Essa técnica também foi utilizada pelos eugenistas para justificar a existência de raças.

roubos apresenta 31 brancos, 18 negros crioulos e 41 pardos 54. Pois bem, mas para Nina Rodrigues, quem são os brancos, negros e pardos no Brasil? Em resumo, sua classificação diz que a “raça branca” é concebida por brancos crioulos não mesclados e pelos europeus. A “raça negra”, seria representada pelos poucos africanos que ainda existem no Brasil e pelos negros crioulos não mesclados. Já os “pardos” compõe uma “sub-raça” composta pela população mestiça (dividida em mulatos, mamelucos ou caboclos, caribocas ou cafuzos e os pardos). Este último, em especial, é consequência do cruzamento de três “raças” e, principalmente, o cruzamento do negro com o índio. O pardo seria o produto brasileiro por excelência, e compõe um quadro muito mais numerosos do que se pensa (Carvalho, 2014, p.18).

O negro e o mestiço eram a grande preocupação para Nina Rodrigues, uma vez que seria responsáveis por impedir o progresso da nação<sup>4</sup>. O médico brasileiro segue a tese de Lombroso, que ratifica a possibilidade de identificar criminosos a partir de características físicas, biológicas e hereditárias. Seguindo esta lógica, observa-se que Nina Rodrigues não tem uma preocupação de entender a conjectura do crime, mas sim traçar características biológicas do criminoso. Logo, ao afirmar que o negro é a “raça inferior”, conclui-se que estaria mais propenso ao crime. O mestiço também seria um criminoso em potencial, pois o hibridismo entre as raças poderia provocar a predominância da herança da “raça inferior” sobre a “raça superior”. Sendo assim, todos os mestiços eram degenerados e o processo de mestiçagem levaria uma sociedade “não-civilizada” (Carvalho, 2014, p. 19).

Outra importante figura pública brasileira a acolher as perspectivas eugênicas foi o escritor Monteiro Lobato. Autor de “Sítio do Picapau Amarelo” – uma das obras literárias brasileiras mais importantes do XX – Lobato ameahou fãs de diversas faixas etárias e conquistou notoriedade nos espaços acadêmicos e culturais nacionais.

Nascido em um berço familiar de cafeicultores paulistas, Lobato pôde avançar nos estudos a ponto de se formar na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco em São Paulo. Foi nesta instituição de ensino que começou a ler inúmeras obras de autores que ganhavam popularidade na virada do XIX ao XX. Suas principais referências eram os franceses August Comte e Gustave Le Bon, como ele mesmo afirmou em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo em 1941 (Carvalho, 2014, p. 44).

Le Bon, figura em quem Lobato tanto se inspirava, defendia a ideia de que era possível – ainda que incerto – promover a evolução humana e social por intermédio de determinados cruzamentos sexuais. Tudo dependia da combinação de características, podendo haver desfechos benéficos ou prejudiciais à sociedade. Em sua dissertação de mestrado, Giarretta,

---

<sup>4</sup> Nina Rodrigues afirma que os negros seriam mais propensos a cometer crimes, pois não conseguem seguir as “leis dos brancos”. Contudo, ele não leva em consideração que o Código Penal de 1890 criminalizava as práticas culturais negras como a capoeira, a religião e o samba. As leis eram racistas, por isso havia um grande número de presos negros e mestiços.

apresenta uma análise feita por Le Bon dos países que foram colonizados por raças distintas, atestando que o cruzamento fora prejudicial ao Brasil (Carvalho, 2014, p. 48). Ou seja, o Brasil serviu de exemplo para Le Bon afirmar o princípio da “degenerescência e incapacidade dos mestiços (Giaretta, 2008, p. 48).

O conto mais famoso de Lobato – Urupês, de 1918 – visava justamente demonstrar a tese da degenerescência e incapacidade dos mestiços. Nele Lobato explora algumas das grandes chagas da formação brasileira, tais como a miséria, a fome, as doenças e outros grandes problemas que, embora carecessem de atenção, eram negligenciados pelos líderes brasileiros. É nesta mesma obra que nos é apresentado o personagem Jeca Tatu<sup>5</sup>, um dos mais famosos de sua literatura.

Jeca Tatu representava o típico caipira brasileiro, fazendo parte da grande parcela mestiça da sociedade brasileira. Para Lobato era justamente essa parcela caipira da sociedade a responsável pela crise agrária brasileira, uma vez que praticavam a coivara<sup>6</sup> que favorecia o degaste do solo. Por isto, nas concepções de Lobato, o caipira – o típico mestiço – é, antes tudo, o causador do subdesenvolvimento nacional, na medida em que destrói as matas nativas, causando inúmeros problemas ambientais e econômicos para a nação (Giaretta, 2008, p. 53).

As concepções de nação de Lobato – bem como as suas percepções de natureza racial – seriam ainda desenvolvidas nas suas obras destinadas ao público infantil. O primeiro movimento nesse sentido acontece em 1921, quando ele lança “A menina do narizinho arrebitado”, introduzindo o público ao universo do Sítio do Picapau Amarelo. O Sítio serviu de cenário para apresentar sua carga ideológica mesclando temáticas nacionais, de evolucionismo social e positivismo. Giaretta faz uma descrição minuciosa dos principais personagens que compunham essa realidade criada por Lobato. Aqui, contudo, serão apresentados apenas os personagens adultos que representam de forma evidente a dicotomia entre o “branco senhor” e o “negro servil”, estereótipo presente naquele contexto social.

**Dona Benta** – A avó ideal, carinhosa e culta. Proprietária do Sítio do Picapau Amarelo e autoridade principal desse lugar. Comanda o Sítio usando do conhecimento e da sabedoria para educar os netos, respeitando-lhes a autonomia e a liberdade de pensamento. Dona Benta representa a burguesia agrária que Lobato almejava para o país, ou seja, letrada e culta, aberta a mudanças, além de ser preocupada em melhorar as condições de vida do povo do interior.

**Tia Nastácia** – Afetuosa, humilde e detentora de bom-senso. Tia Nastácia, que é descendente de escravos, representa o povo brasileiro e a cultura popular. É a única

<sup>5</sup>A criação de Jeca tatu permitiu que, pela primeira vez, intelectuais e classe média urbana se deparassem com um conto literário que apresenta o espaço rural brasileiro fora do espectro romântico-nacionalista-idealizado.

<sup>6</sup>Técnica agrícola tradicional que consiste no corte e na queimada da floresta nativa, levando o desgaste do solo muito rápido.

personagem que trabalha no Sítio do Picapau Amarelo, pois o negro, no contexto da Primeira República, representava, quase que exclusivamente, a classe servil do país. **Tio Barnabé** – Agregado de Dona Benta que habita um rancho de sapé isolado no Sítio do Picapau Amarelo, também detentor da sabedoria popular e representante do povo brasileiro nas histórias infantis do escritor. Os agregados, assim como a servidão de Tia Nastácia, representavam formas de dominação do trabalho livre, surgidas no período pós-abolição. Monteiro Lobato criticava essa dominação pela sua ineficiência, visto que os agregados não dispunham de terra própria e, por isso, não criavam vínculo com as terras onde moravam, situação que os desestimulava a utilizar modernas técnicas para o plantio e a promover benfeitorias nessas terras. Logo, essa forma de trabalho livre dificultava, ainda mais, o desenvolvimento econômico do país (Giaretta, 2008, p. 61-63).

Tia Anastácia e o Tio Barnabé são os personagens negros que aparecem de forma ambígua na narrativa e no mundo lobatiano. A solução encontrada por Lobato para inserir os negros nas suas histórias foi o viés folclórico, destacando e valorizando a grande sabedoria popular transmitida pela oralidade desses personagens, ainda que fossem apresentados enquanto ignorantes, servis e incapazes de assimilar o moderno. Não se deve cair no esquecimento de que esta narrativa está imersa no darwinismo social, razão pela qual tais personagens são dotados de atributos de subserviência e impossibilitados de se adaptar ao mundo civilizado moderno. Ou seja, são os atrasados do mundo rural brasileiro (Giaretta, 2008, p. 64).

Esta mesma concepção hierarquizadora, que se estabeleceu na mentalidade ocidental – com efeitos também nos antigos redutos coloniais do próprio ocidente, caso do Brasil – serviu ao propósito de legitimar o domínio e a espoliação dos recursos naturais de povos designados como inferiores. A posse de colônias passava a ser vista como necessidade civilizatória e reforço de autoridade, culminando na partilha de regiões coloniais entre os poucos Estados industriais da época. Essa divisão corroborava a distinção entre fracos e fortes, atrasados e avançados, o que marcou o tipo de interação que se estabeleceu, por exemplo, entre Europa e África. Visto desta forma, o Imperialismo, que se processa no quartel final do XIX em diante, reproduz tanto expectativas comerciais (borracha do Congo, cobre da Zâmbia, etc.), quanto ideológicas, na medida que satisfaz as compreensões *político-ideológicas* sustentadas nas perspectivas raciais da época (Hobsbawm, 2009).

Este caráter complexo do imperialismo foi trabalhado por diversos autores. A primeira tentativa teórica de trazer um sentido ao imperialismo, segundo Parada, veio de um jornalista chamado John Hobson. Na obra *“Imperialism: A Study”* (1902) (Imperialismo: um estudo) ele define o imperialismo “como uma das várias formas de expansionismo ocorridas ao longo da história e o relaciona com as formas econômicas e sociais hegemônicas no final do século XIX”

(Parada, 2013, p. 20). Uma grande preocupação de Hobson foi a de anular qualquer relação entre o capitalismo e a expansão territorial, na sua abordagem o processo de dominação territorial é consequência da “distribuição desequilibrada de poder no interior da potência dominante (Inglaterra) e entre os demais Estados nacionais” (Parada, 2013, p. 20).

Entre as lideranças socialistas também é possível perceber uma grande atenção e esforço em desenvolver uma ideia central que melhor faça sentido aos acontecimentos políticos ocorridos naquela época. A polonesa Rosa Luxemburgo – teórica, professora e líder partidária – apresentou uma alternativa no interior dos debates marxistas da época. A defesa da crise cíclica do capitalismo faz parte do epicentro argumentativo da autora, o que resultaria na completa desestruturação do sistema capitalista. Por isso, o colonialismo seria o caminho dos países capitalistas para “equilibrar as convulsões do sistema, transformando as colônias em áreas para captar matérias-primas e mercado para alocar produtos” (Parada, 2013, p. 21). Outro grande socialista, Vladimir Ulianov, mais conhecido pelo pseudônimo Lênin, publicou, em 1916, *“Imperialismo: estágio superior do capitalismo”*. Nesta obra ele defende que as contradições na economia mundial capitalista se desenvolveriam intensamente e provocariam um colapso total, oportunizando o surgimento das revoluções socialistas (Parada, 2013, p. 23).

Vale também destacar os argumentos presentes em *“Origens do Totalitarismo”*, um clássico de 1951 de Hannah Arendt. Segundo a autora, a estrutura política não pode se expandir incessantemente, como a estrutura econômica. Segundo Arendt, a convicção básica da expansão das fronteiras de um Estado nacional consiste em impor ao povo inferior uma cultura superior, despertando “a consciência nacional e o desejo de soberania do povo conquistado, criando com esse ato um obstáculo ao êxito de uma tentativa de construir um império” (Parada, 2013, p. 24).

Até este exato momento, observa-se um debate que se restringe em fazer a relação entre imperialismo e expansão político e militar. Edward Said vai romper este limite, quando publica, em 1978, *“Orientalism”*. Transferindo a questão historiográfica para uma outra vertente, mas mantendo o princípio de poder, Said questiona os conceitos de Ocidente e Oriente que norteavam os debates até aquele momento. O autor argumenta que:

[...]A criação de narrativas sobre o outro oriental, em especial o árabe muçulmano do Norte da África, estava associada a intenção de dominá-lo. Usando o argumento foucaultiano de que todo saber é uma forma de poder, o autor de *Orientalism* afirmou que ao conhecer o oriental – entendendo sua língua, sua história, sua organização social, arquitetura etc. -, o ocidental, mesmo o mais apolítico dos filólogos, estaria pavimentando o caminho para a dominação (Parada, 2013, p. 26).

Das regiões mais exploradas, colonizadas e inferiorizadas pelos impérios europeus, a

África foi a que mais sentiu o impacto no século XIX, sendo alvo de disputas e provocando grandes tensões políticas entre os Estados nacionais imperialistas. O Congresso de Berlim “antes de (organizar) o retalhamento do continente, foi o momento em que se estabeleceu um acordo europeu para definir as regras de ocupação do continente” (Parada, 2013, p. 28). Portugal foi quem propôs a reunião que seria posteriormente organizada pelo chanceler da Alemanha, Otto Von Bismark. Dela participaram diversos países, a saber: Inglaterra, França, Espanha, Itália, Bélgica, Holanda, Estados Unidos, Suécia, Império Áustro-Húngaro e Império Turco-Otomano (Parada, 2013, p. 31-33).

Pode-se resumir esta reunião desta forma: ‘Realizada entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885 em Berlim, teve diversos objetivos, muitos deles com intensa carga humanitária, como, por exemplo, o controle sobre o tráfico de escravos. No entanto, as discussões idealistas tiveram pouca repercussão. De fato, a reunião internacional em Berlim criou os parâmetros para a ocupação efetiva da África pelas potências coloniais e resultou numa ‘partilha’ do continente; além disso, definiu as regras para ocupação do território africano que deveriam ser considerados legítimas pelas outras nações coloniais (Parada, 2013, p. 31).

A Bélgica, terra natal de Hergé, teve Leopoldo II como soberano, que decidiu fazer uma reunião, em 1876, convidando cientistas de toda Europa, para debater assuntos filantrópicos e humanitários, como o combate ao tráfico de escravos na costa ocidental da África, todavia, esse foi o primeiro passo para a futura consolidação do controle Belga no imenso território do rio Congo. Em 1879, Leopoldo II criou a Association Internationale du Congo (AIC), sendo este monarca o único sócio, com propósitos “filantrópicos e científicos, a AIC se apresentava como o anteparo civilizatório ao projeto expansionista de Leopoldo II” (Parada, 2013, p. 29).

Por isso, este trabalho que busca utilizar a história em quadrinho, “As Aventuras de Tintin no Congo”, como ferramenta pedagógica e didática em sala de aula, proporcionando ao professor e ao aluno novos caminhos para compreender este século XIX, de novas ciências, tensões e de corrida imperialista.

### 3 HERGÉ, UMA MINIBIOGRAFIA

**Figura 1 – Hergé ao lado do busto do Tintim**



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Herg%C3%A9>

George Remi, também conhecido como Hergé, nasceu em Etterbeek, região de Bruxelas, em 22 de maio de 1907. Desde criança demonstrava interesse pelas artes. Adorava ir ao cinema – era aficionado por Charles Chaplin e Buster Keaton, figuras que influenciaram o seu senso estético –, além de desenhar. Em alguns dos seus livros escolares é possível identificar esboços da vida cotidiana, como representações de soldados alemães, o que era uma clara alusão às invasões sofridas por Bruxelas à ocasião da Primeira Guerra. Naturalmente esses primeiros rabiscos ainda eram um passatempo. De todo modo, era o início do processo de desenvolvimento artístico que o consagraria mundialmente.

Com 12 anos iniciara sua trajetória no escoteirismo, fazendo parte de um grupo anexo à Escola Saint Boniface. Essa fase teve grande relevância para sua vida. Ainda adolescente fez viagens para Itália, Suíça, Áustria e Espanha, experiências que proporcionaram o desenvolvimento de determinados alicerces morais e éticos que foram carregados por toda sua vida. René Weverbergh, seu chefe escoteiro, era um grande entusiasta e apoiador, motivando-o a desenvolver suas habilidades cartunistas. Foi René o responsável pela primeira publicação oficial do Hergé em um folhetim informativo dos escoteiros. Nos anos subsequentes outros cartuns, desenhos e xilogravuras seriam publicados por Remi, sendo assinados sob diferentes

pseudônimos, tais como: “Jérémie”, “Jérémiades”, e, finalmente, “Hergé”, que é a pronúncia das suas iniciais invertidas (RG).

Em 1927, após cumprir o serviço militar, conseguiu o seu primeiro emprego como desenhista em um jornal católico conservador, o *Vingtième Siècle*. Lá teve por chefe o padre Nobert Wallez, rotulado pelos seus opositores como fascista e apoiador de Mussolini (Tambascia, 2004, p. 65). Wallez era nacionalista, antissemita, anticomunista, conservador, antimaçom, conhecido por ser carismático e ao mesmo tempo agressivo quando defendia suas opiniões. O padre idealizava a formação de uma federação belga-renana católica e era uma grande crítico do Tratado de Versalhes, além que culpar os judeus pelas crises econômicas que a sua nação enfrentava.

Os principais biógrafos confirmam que o padre Wallez serviu de inspiração e atuou como um pai espiritual para Hergé. Contudo, mesmo tendo Wallez como tutor, Hergé não pode ser considerado um fascista católico, mesmo que tenham existido alguns episódios desconfortáveis e que tenham provocado constrangimento ao desenhista, como o caso de ser investigado e afastado do trabalho por uma possível colaboração com os nazistas quando invadiram a Bélgica (Tambascia, 2004, p. 65).

Dois anos após seu ingresso no corpo editorial, Hergé, já na condição de editor chefe, elaborou as HQs de Tintim. O personagem foi lançado no dia 10 de janeiro de 1929, sendo o primeiro livro publicado já no ano seguinte. A história, “*Tintin au pays des soviets*” (Tintim no país dos soviets), se passava na União Soviética, e alcançou grande sucesso editorial. Pouco tempo depois, já em 1931, Hergé publicaria “*Tintin au Congo*” – traduzido ao português como Tintim no Congo ou Tintim na África (o que confere um sentido mais genérico ao título). Hergé originalmente pretendia lançar uma aventura radicada na América, mas foi persuadido pelo seu tutor, o padre Wallez, a fazer primeiramente uma aventura pelo Congo, uma vez que “naquela época havia a necessidade de justificar a existência da enorme colônia, bem como estimular o seu desenvolvimento econômico por meio do incentivo à imigração para compor mão de obra especializada (Tambascia, 2004, p. 73).

Houve um certo empenho para que a obra obtivesse sucesso editorial, a começar pelo fato de que se optou pelo uso do francês em detrimento ao holandês, língua mais espacialmente delimitada, o que conferiu maior potencial de circulação à HQ. Afora isso, houve uma arrojada e inovadora organização para ao lançamento, com a contratação de um ator mirim de 15 anos, representando Tintim, que chegaria ao prédio da *Vingtième Siècle* após a conclusão de sua viagem pelo Congo (Tambascia, 2004, p. 73). Há fotos deste evento estampadas em periódicos da época, demonstrando o sucesso do lançamento.

**Figura 2 – Retorno do Congo belga a Bruxelas em 1931, Tintim e Milu são festejados pela multidão de seus admiradores reunidos no Petit Vintième**



**Fonte:** Tambascia, Christiano Key. Representando o Congo: uma análise antropológica dos quadrinhos de Tintim/ Christiano Key Tambascia. Campinas, SP: [s.n], 2004. p. 72.

O público jovem foi cativado pelo repórter Tintim e suas aventuras. Ele se tornou especialmente popular entre as classes médias do mundo todo (Tambascia, 2004, p. 67). Tamanha é a sua importância cultural que atualmente ele figura como símbolo nacional da Bélgica. Além disso, em 2024 a seleção de futebol da Bélgica decidiu lançar uma linha de uniforme inspirado no personagem. O mesmo era destinado à Eurocopa daquele mesmo ano<sup>7</sup>, o que ratifica o seu papel de símbolo nacional.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [www.ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/03/14/belgica-lanca-camisa-inspirada-em-desenho-animado-tintim.ghtml](http://www.ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/03/14/belgica-lanca-camisa-inspirada-em-desenho-animado-tintim.ghtml). Acesso em: 2 de mar. 2025.

**Figura 3 – Uniforme belga de 2024 inspirado nas roupas de Tintim.**



**Fonte:** <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/novo-uniforme-da-belgica-homenageia-icone-da-cultura-pop.html>

Apesar disso, as publicações não conseguiram passar imunes às polêmicas, sobretudo em contextos pós-coloniais. A aventura no Congo explorava uma área que já se apresentava como posse belga desde a Conferência de Berlim (1885), estando sob a administração de uma empresa que tinha como único proprietário o rei Leopoldo II. Segundo uma perspectiva mais crítica, portanto, a história de Tintim servia enquanto uma propaganda colonial (Tambascia, 2004, p. 63). Segundo Tambascia (2004), contudo, Tintim não é propriamente utilizado para justificar a dominação belga, sendo mais um produto cultural advindo dessa circunstância de dominação (Tambascia, 2004, p. 73).

Hergé sofreu duros comentários nas décadas de 50 e 60, justamente no período em que os movimentos de independência da África ganhavam fôlego. Por isso, em 1946, diante do início das críticas ao colonialismo, Hergé fez diversas mudanças na sua segunda publicação, com modificações de traços de desenhos, cores, diálogos, tentando suprimir referências ao

regime colonial. Foi apenas na década de 70 que a sua popularidade foi retomada, tendo contribuído para isso uma entrevista fornecida a Numa Sadoul<sup>8</sup> – que à época trabalhava para uma revista zairese – na qual confirmava que na primeira edição da HQ teria utilizado as propagandas oficiais e partenalistas belgas como fontes, trando os congolesees como “crianças necessitadas de instrução” (Tambascia, 2004, p. 74). Ao avaliar a produção de Hergé, Tambascia defende que o trabalho do cartunista pode ser comparado ao de um “antropólogo de gabinete” (Tambascia, 2004, p. 67), uma vez que toda a sua produção se sustentou em fontes coletadas por outros. Com efeito, Hergé só visitou os lugares que o inspiraram no fim da sua vida. Toda a sua referência prévia provinha de artefatos e fotos do período colonial que já estavam dispostos no Museu Real Tervuren na Bélgica.

Leopoldo II criou esse museu em 1898, após a Bélgica sediar a Feira Mundial de Bruxelas, em 1897, que recebera milhões de europeus interessados em conhecer a “sala de exposição colonial” e suas exposições de animais, artefatos etnográficos e artísticos congolesees, além de 297 pessoas originárias da África Central que viviam em “aldeias”<sup>9</sup>. O museu foi mais uma das estratégias do monarca belga para apresentar a potencialidade do Congo, evidenciando suas diversas riquezas naturais e valor exploratório. Em 2020, após uma grande organização de movimentos negros e de nações africanas, o Museu Real Tervuren iniciou uma política de restituição de bens confiscados durante o período colonial<sup>10</sup>.

Hergé faleceu em 1983. Mesmo que em meio a polêmicas, seu legado e imagem permanece relevante no campo da cultura.

---

<sup>8</sup> Ator, escritor e diretor francês, que nasceu na atual República do Congo.

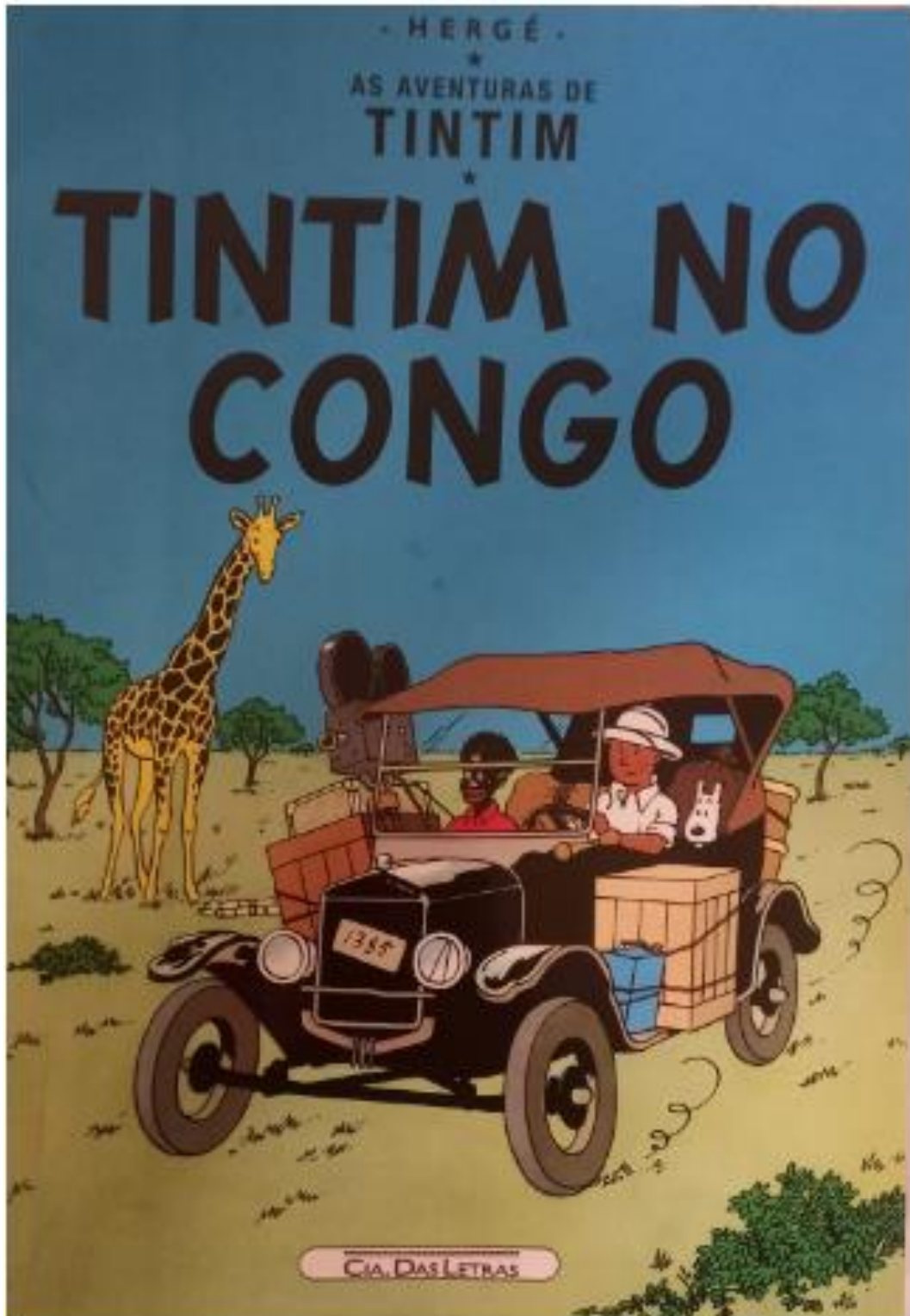
<sup>9</sup> Essas aldeias eram zoológicas que eram visitadas por milhões de europeus que buscavam conhecer o africano selvagem e exótico.

<sup>10</sup> Disponível em: [www.arteafricana.fflch.usp.br/pt-br/node/54](http://www.arteafricana.fflch.usp.br/pt-br/node/54). Acesso em: 2 de mar. 2025

#### 4 UMA ANÁLISE DA HQ TINTIM NO CONGO

Do autor à obra, avaliemos agora a HQ de sucesso global Tintim no Congo.

**Figura 4 – Capa do álbum Tintim no Congo**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008.

As aventuras de Tintim no Congo se iniciam com o protagonista em uma viagem para realizar uma reportagem sobre o país, não existe um motivo central aparente para o início desta jornada. Primeiramente de trem, seguido por um deslocamento por meio de navio. Não é descrito de onde a viagem se inicia. Segundo Tambascia, Hergé dificilmente indica nomes de cidades europeias, priorizando a nominação dos países e regiões para os quais Tintim parte. Caso do Congo, China e Egito, além de América do Norte e do Sul. A Europa, genericamente tratada, é sempre representada através de símbolos “civilizatórios”, como personagens vestidos de modo apumado, edifícios bem construídos, automóveis na rua, etc (Tambascia, 2004, p. 75).

Ainda no navio, Milu – cachorro de Tintim e companheiro nas aventuras – enfrenta um primeiro desafio. Ele é mordido por um papagaio, razão pela qual Tintim o leva ao médico. Nesse momento surge um personagem negro com um serrote, o que faz Milu fugir. Essa representação reproduz a ideia de que a viagem está levando os personagens para um lugar de perigo, caos e desconhecimento. Afinal, em “terras menos civilizadas” os tratamentos médicos são diferentes e inusitados (Tambascia, 2004, p. 84). Neste e em muitos outros momentos pessoas negras são representadas. Elas habitualmente são vinculadas a funções mais manuais e/ou supostamente simples, tais como as de camareiro, carpinteiro e marujo; ao passo que o branco exerce funções mais prestigiosas, como as de médico e oficiais da tripulação. A dicotomia entre África e Europa é uma tônica.

**Figura 5 – Marujo negro conversa com Tintim.**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 3.

Figura 6 – Negro carrega um serrote



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p.3.

**Figura 7 – Tintim e o camareiro.**



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p.1

**Figura 8 – Milu sendo examinado pelo oficial branco**



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p.4.

Ainda no percurso Milu enfrenta outros perigos. Em outro encontro com o papagaio, ele se depara com o vilão da história, o passageiro clandestestino. Milu foge do vilão, mas acaba caindo no mar e vai ser resgatado por Tintim, que também consegue se livrar de uma ataque de tubarão , novas confusões continuam ocorrendo dentro no navio até a chegada da África.

Tintim é ovacionado assim que desembarca na África. Aparentemente sua fama de repórter rompeu as fronteiras europeias, chegando ao Congo. É neste momento que as indumentárias passam a ocupar um espaço importante na narrativa. Quando os negros não estão vestidos de acordo com funções laboral, são retratados de modo caricato, vestindo “roupas dos brancos” de modo menos harmonioso, não formando um conjunto coerente segundo uma percepção ocidental. Nesse sentido, “Hergé parece a primeira vista querer mostrar que os negros apenas amontoam peças soltas de maneira aleatória. Os artigos ocidentais parecem ser considerados como sinais de prestígio, ainda que conjugados erroneamente” (Tambascia, 2004, p.87). A dicotomia entre África e Europa é novamente reiterada.

**Figura 9 – Tintim chega à África e é recebido calorosamente pelos nativos.**



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p.9.

Já em terras africanas, Milu enfrenta problemas com mosquitos na primeira noite. Enquanto isso, Tintim é disputado por jornais europeus que querem contratá-lo para um trabalho exclusivo. O convite é recusado, pois Tintim já está comprometido com outros jornais, que querem reportagens exclusivas. Na organização da expedição para o interior, Tintim contrata um menino africano para auxiliá-lo nessa viagem, o Coco.

A relação entre Coco e Tintim representa tipologicamente a relação entre Congo e Bélgica. Tambascia defende que Hergé representa o Coco como o ícone da criança africana, que é ingênua, pobre, inocente, abobalhada, sempre recebendo ordens dos europeus e tentando cumprí-las (Tambascia, 2004, p. 92).

Em certo momento, Tintim sai para caçar e deixa o carro sob a responsabilidade do Coco. Ao retornar, Tintim se depara com Coco chorando. O vilão da história bateu nele e roubou o veículo. Neste exato momento Milu dá um sermão em Coco, afirmando que ele deveria ser mais corajoso.

Em outro momento Coco leva um grande susto ao ver Tintim fantasiado de macaco. Coco teve a impressão de que o primata havia devorado Tintim, razão pela qual possuía a sua voz. Essa representação é uma forma de Hergé constituir um elemento cômico para o público europeu ao explorar uma suposta ingenuidade africana permeada pela crença no fantástico e na magia (Tambascia, 2004, p. 94).

**Figura 10 – Tintim conversa com Coco**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p.14.

**Figura 11 – Coco leva um susto com Tintim fantasiado de macaco.**



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 18.

**Figura 12 – Tintim dando uma ordem para o Coco vigiar o carro.**



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 12.

A viagem continua e na sequência ocorre um acidente. Tintim bateu com seu carro em um trem que, por sua vez, descarrilhou. Neste momento entra em ação o líder Tintim. Ele tenta organizar o conserto, alegando que era preciso empregar força e superar a preguiça para alcançar o objetivo. Milu assumiu a dianteira dando o exemplo, sendo o primeiro a tentar colocar o trem de volta nos trilhos. Posteriormente os negros seguiram o seu exemplo. “Novamente a oposição entre o trabalho de capataz do europeu e o trabalho braçal dos negros é realizada pela mediação de Milu” (TAMBASCIA, 2004, p.97).

**Figura 13 – Tintim dando ordem para os negros consertarem o trem**



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 20.

Uma vez resolvido o problema, a viagem segue e eles finalmente chegam à aldeia dos Babaoro'm. Tintim é carregado em um liteira pelos negros, sendo recebido rei da tribo. As aventuras continuam na aldeia. Tintim vai ser levado pelos guerreiros da tribo para uma caçada, neste momento ele enfrenta um leão e é derrotado. Foi o Milu que vai salvar o repórter, quando morde e arranca o rabo do leão. O feiticeiro da aldeia se junta ao vilão do navio para prejudicar Tintim. Essa aliança é uma ótima oportunidade para demonstrar que a “ciência europeia” é superior à “magia africana” (Tambascia, 2004, p. 98), uma vez que Tintim consegue derrotar os vilões, provando sua inocência, por meio de uma gravação na qual registrara o plano da dupla de malfeitores que acabaram sendo expulsos da aldeia.

Figura 14 – Tintim derrota o feiticeiro



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 26.

**Figura 15 – Tintim no gramofone**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 26.

Logo após a expulsão, os malfeitores provocam uma guerra entre as etnias, o que exigiu soluções diplomáticas propostas justamente por Tintim.

A guerra instigada pelos bandidos parece corroborar a crença ocidental acerca do problema do ‘tribalismo africano’. Ou seja, o problema endêmico de todo confronto na África: sua insensata natureza autodestrutiva. Tintim representa o esforço de resolver as disputas mesquinhas e infastis entre as etnias e também entre os indivíduos. Na realidade Tintim alcança o status de feiticeiro com todas as suas proezas diplomáticas (Tambascia, 2004, p. 98).

Tintim sempre em busca de desafios, decide caçar um leopardo. O feiticeiro fica sabendo da caçada e decide vestir-se tal qual um leopardo para tentar matá-lo. Entretanto, o feiticeiro quase tem um mal desfecho, cabendo a Tintim salvá-lo de uma cobra. Enquanto isso, o outro

vilão agiu com maior esperteza, preparando uma armadilha para Tintim. Este foi melhor sucedido e conseguiu prendê-lo numa árvore à beira de um rio repleto de crocodilos. Neste exato momento um missionário chega para salvá-lo.

**Figura 16 – Tintim é salvo pelo missionário**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 33.

**Figura 17 – Tintim entrando na sala de aula dos nativos**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 36.

Certamente a formação católica de Hergé influenciou a forma como ele representou a presença religiosa nesse contexto, reforçando o valor da cooperação entre a Igreja e a administração da colônia pelos belgas .

Mais adiante Tintim passa a ocupar o cargo de professor em um missão, sendo ainda responsável por salvar as crianças de um ataque de um leopardo. Afora isso ele derrota um elefante com uma lupa, levando as suas presas de marfim como troféu. Um novo missionário logo depois. Contudo, era o vilão tentando ludibriar Tintim. Ele o abandona à própria sorte em uma corredeira no intuito de deixá-lo para morrer. Mais uma vez a genialidade de Tintim se sobressai. Ele se prende a um galho e impede a sua queda na cachoeira. Nesse meio tempo Milu avisa ao verdadeiro missionário que conclui o resgate. Os atritos entre o malfeitor e Tintim só acabam após uma briga em que ambos caem no rio. O bandido acabou sendo comido por um crocodilo, enquanto Tintim se salvou ao cair sobre um hipopótamo.

Neste mesmo intervalo, Milu desaparece e Tintim descobre que ele foi raptado pelos pigmeus<sup>11</sup>. Ao chegar na aldeia ele percebe que, na verdade Milu não tinha sido raptado, mas sim escolhido para ser o novo rei dos pigmeus. A hilária coroação de um cachorro é – para Tambascia – a demonstração que Hergé defende a lógica da hierarquização que os europeus fazem entre as etnias africanas. Durante o colonialismo, a administração belga implementou

<sup>11</sup> São grupos populacionais de baixa estatura que vivem nas florestas equatoriais africanas. Nas exposições que os europeus faziam dos africanos, eram os considerados mais exóticos e animalizados dos povos nativos da África.

uma lógica hierárquica entre as etnias da região de Burundi e Ruanda, formada pelos Hutu, Tutsi e Twa (grupo de pigmeus). Os Tutsi eram considerados os negros mais evoluídos, quando comparados com os Hutu, já os Twa eram considerados os mais inferiores e exemplo máximo da selvageria africana (Tambascia, 2004, p. 105). Voltando a história, por isto que os pigmeus escolheram um cachorro para ser o rei e líder da aldeia.

**Figura 18 – Milu sentado no trono dos pigmeus.**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 50.

**Figura 19 – Tintim curva-se ao rei Milu**



**Fonte:** Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 50.

Avançando na aventura, Milu entrega ao Tintim um bilhete que desvenda todo o mistério sobre a origem dos ataques que recebia. Havia um gangster de Chicago interessado no controle de diamantes da África. No intuito de concretizar o seu projeto, ele contratou um bandido que deveria matar Tintim. No entanto, ele acabou sendo justamente devorado por um crocodilo. Tintim consegue prender o mafioso e toda sua quadrilha na estação de polícia local. Essa disputa internacional por minérios é um dos grandes problemas enfrentados pelo Congo até os dias de hoje.

Finalizando a história, os jornais divulgam essa prisão, enaltecendo os serviços prestados por Tintim que, ao cabo, decide retornar para sua terra natal. A última prancha da publicação “coroa e exemplifica toda a representação paternalista da história” (Tambascia, 2004, p. 107). Tintim e Milu são lembrados como ídolos pelos africanos, uma vez que graças a eles os problemas foram sanados. Em outras palavras, o branco resolveu os problemas, voltou para a Europa e os africanos retomaram a sua vida comum com o seu cotidiano rudimentar, demonstrando que necessitam e dependem dos europeus para resolverem as suas eventuais

adversidades.

Na parte superior à esquerda há 2 totens, são imagens de Tintim e Milu. Ambos estão sendo idolatrados, respectivamente, por uma pessoa negra e um cachorro. Para Tambascia, esta foi uma estratégia do autor para chamar atenção do leitor, visto que não só as estátuas são vermelhas e azuis, chamando atenção visual, como estão localizadas na única região em que não há balões de diálogo (Tambascia, 2004, p. 109). Próximo ao flamingo rosa existem dois homens sentados. Um deles comenta, com expressão de tristeza, que desejava que todos os brancos fossem iguais ao Tintim.

No centro da página, dois homens dialogam, um está com um boné vermelho e o outro está com a filmadora do Tintim, aparentando o desejo de ficar com o objeto. O mais velho de boné vermelho diz que ele pode ficar caso Tintim não regresse. Logo abaixo, uma mulher de vestido azul adverte seu filho, que está chorando, dizendo que ele precisa se comportar para ser igual ao Tintim. A prancha se encerra com um ancião de calça vermelha que comenta aos jovens que nunca mais encontrará alguém igual ao Tintim e com dois cachorros chorando por sentirem saudades do Milu.

Segundo a análise feita por Tambascia, Hergé estruturou esta prancha para ser lida de cima para baixo e da esquerda para a direita, pois são as cores vermelhas e azuis que orientam o sentido da percepção do leitor. Ademais, os objetos ocidentais (calças, sapatos, vestido, boné, etc.) aparecem com os personagens que transmitem juízos, conselhos e ensinamentos aos outros africanos, que estão com suas roupas nativas, também são esses personagens que conseguem ter a sensibilidade de perceber os benefícios deixados pelo Tintim (Tambascia, 2004, p. 110).

Figura 20 – Tintim e Milu são transformados em ídolos.



Fonte: Hergé, 1907-1983. Tintim no Congo (As aventuras de Tintim). 2008. p. 63.

## 5 AS AVENTURAS DE TINTIM NA SALA DE AULA .

A proposta pedagógica desta pesquisa parte da premissa que as histórias em quadrinhos (HQs) trazem interessantes possibilidades à sala de aula, sendo utilizadas como ferramentas de mediação pedagógica. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) defende o uso de histórias em quadrinho nas sala de aula desde a educação infantil<sup>12</sup>. Por essa razão, optei por utilizar esta estratégia com estudantes dos anos finais do ensino fundamental.

O cotidiano escolar nos permite perceber que muitos adolescentes se interessam por histórias e HQs, produzindo debates – muitas vezes fervorosos – concernentes aos universos de diversos personagens. Aproveitando essa inclinação, proponho o uso da HQ “As aventuras de Tintim no Congo” nas turmas do 8º e 9º anos do fundamental. Seguindo as orientações da BNCC, é possível constatar que a obra do Hergé é articulável com os temas do imperialismo – trabalhado no 8º ano –, bem como do colonialismo na África – próprio do 9º ano.

A intervenção pedagógica por mim desenvolvida será direcionada especificamente para o 8º ano e assim desenvolver as habilidades que são exigidas pela BNCC, sendo elas: (EF08HI23) estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia; (EF08HI24) reconhecer os principais produtos, utilizados pelos europeus, procedentes do continente africano durante o imperialismo e analisar os impactos sobre as comunidades locais na forma de organização e exploração econômica. Essa proposta pode ser apropriada e reimaginada por diferentes docentes, inclusive visando outras séries. A ideia central é a de apresentar à turma a obra “As aventuras de Tintim no Congo”. Reforçando que esta é uma fonte histórica que se associa a um contexto social e autoral muito específicos, considerando a Europa entre o final do XIX e início do XX.

---

<sup>12</sup> BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. p. 50.

Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 09.mar.2025.

### Quadro 1 - Organização da proposta pedagógica

Componente curricular	História
Segmento e ano de escolaridade	8º ano
Modalidade de ensino	Presencial
Conteúdo programático	O imperialismo europeu e a partilha da África. Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo científico
Recursos didáticos	Revista em Quadrinho física ou Computador + Datashow
Procedimento metodológico	Tempo necessário à atividade: 2 tempos Trabalho proposto: trabalho em grupo.

Fonte: Santos, 2025.

#### Objetivo geral:

- Analisar o imperialismo na África, o darwinismo social, a eugenia e o racismo a partir das representações presentes em *As Aventuras de Tintim no Congo*.

#### Objetivos específicos:

- Identificar os principais interesses dos ditos projetos civilizatórios europeus.
- Apontar os impactos dos discursos e ações civilizatórias.
- Identificar os produtos procedentes da África que eram utilizados pelos europeus.
- Identificar os produtos procedentes da Europa que eram utilizados pelos africanos.
- Correlacionar ciência eugenista e imperialismo europeu na África.
- Analisar a obra *As aventuras de Tintim no Congo* e destacar as principais pranchas que exemplificam o darwinismo social.

#### Recursos didáticos:

- O objeto principal será a HQ “As aventuras de Tintim no Congo”. O professor pode estar munido de versões impressas, o que permitirá um contato tátil com uma fonte histórica, ou de imagens digitais a serem apresentadas por meio de recursos audiovisuais (uso de computadores + datashow).

## 6 METODOLOGIA

### **Procedimentos metodológicos:**

1. Dividir os alunos em grupos.
2. Apresentar a fonte a partir dos seus contextos históricos e autorais imediatos.
3. Promover questões norteadoras para diálogo em grupo.
  - Quais são os impactos subjetivos de uma história como essa para leitores negros e brancos?
  - De que maneira essa mentalidade atravessou/atravessa a realidade brasileira? Você consegue estabelecer alguma relação nesse sentido?
  - Há outras obras que você conheça que reproduzem uma mentalidade similar?
4. Requerer que os alunos apresentem suas percepções. Eles poderão indicar quais foram as principais razões por trás do imperialismo na África, descrever como o imperialismo afetou a vida dos povos africanos, indicar consequências desse processo no âmbito da igualdade e justiça social.

### **Processo avaliativo:**

A avaliação poderá ser feita em várias etapas. Neste sentido, sugiro que as falas dos alunos e sua participação sejam consideradas como meio de aferição das suas compreensões. O professor deve esperar que os seus alunos tenham alcançado alguns níveis de compreensão do tema como a identificação da desigualdade e injustiça no imperialismo, o apagamento cultural das tradições milenares dos povos africanos, a pobreza e subdesenvolvimento oriundos dos processos de dominação e o legado histórico do imperialismo nas relações internacionais, na economia e na cultura em muitos países africanos.

Além disso, como trabalho coletivo poderá ser exigido que os estudantes produzam uma versão da história que subverta a narrativa original. Os estudantes podem criar uma história na qual os povos nativos resolvem seus problemas sem a participação do Tintim. Ou ainda criar uma versão na qual os africanos denunciam os problemas provocados pelo imperialismo (exploração, miséria, conflitos). Esta seria uma chance para os estudantes desenvolverem habilidades ilustrativas e criativas, além de refletirem criticamente sobre a obra a partir de uma perspectiva afrocentrada. .

## 7 CONCLUSÃO

Toda esta pesquisa tem como propósito a valorização do ensino de História da África e dos afrodescendentes. Com a proposta didática de levar as histórias em quadrinhos para sala de aula -como estratégia para despertar o interesse e o entusiasmo no aluno-, a fim de estimular reflexões e gerar debates que questionam a ausência de uma educação nacional antirracista e afrocentrada.

A obra, *As aventuras de Tintim no Congo*, é uma fonte histórica que nos permite compreender como Hergé, um belga, entendia e visualizava a África. Através desta obra, que vendeu milhões de exemplares e que fez grande sucesso entre os jovens, conseguimos entender a mentalidade e as crenças do autor, que cresceu na Europa do início do século XX. Ou seja, com a análise das pranchas é possível compreender as lógicas políticas, econômicas e culturais que predominavam nesta Europa e, assim sendo, entendemos como estes padrões impactavam a África.

A Europa, da virada do XIX para XX, está vivendo a *belle époque*. Este otimismo é proporcionado pelo aumento industrial, a inserção de novas tecnologias e o surgimento de inovações científicas. Esta industrialização, gerou o aumento indiscriminado da produção industrial, provocando a necessidade de buscar mercados consumidores fora das fronteiras europeias, além disso estas novas tecnologias necessitavam de matérias-primas, “que devido ao clima ou ao caso geológico, seriam encontrados [...] em lugares remotos” (Hobsbawm, 2009, p. 107), por estes fatores, as potências europeias decidiram iniciar o processo de dominação dos “territórios atrasados”, como o próprio Hobsbawm afirma.

Não foi acidental o tipo de ciência que está sendo desenvolvida na Europa. No contexto imperialista, a eugenia era uma destas ciências que serviu para legitimar o controle das colônias africanas e asiáticas. Os princípios eugenistas cresceram e se fortaleceram, defendendo a tese do melhoramento genético, através da eliminação de padrões indesejáveis (vícios e deformidades humanas) e o incentivo de padrões virtuosos do nórdicos (Hobsbawm, 2009, p. 391), através destes métodos seria possível chegar ao “indivíduo padrão”. A classe média e a burguesia utilizaram a eugenia para pressionar os políticos para implementarem ações estatais, positivas ou negativas, que visavam melhorar a genética humana, logo, esta ciência vai cumprir um papel político.

Quando analisadas as pranchas criadas pelo Hergé, é possível indentificar a influência eugênica, quando o personagem principal, Tintim, é o herói branco idolatrado pelos exóticos

negros. Além disso, os personagens negros demonstram que necessitam do europeu para resolver os seus problemas, pois são incapazes, ingênuos, preguiçosos e necessitam da tutela constante do branco europeu. São estas representações, que precisam ser levadas, analisadas e desconstruídas dentro de sala de aula, com o professor explicando, que esta história em quadrinho, é uma fonte histórica que reflete a mentalidade e a cultura racista de uma geração europeia específica.

Em suma, a pesquisa e a proposta pedagógica desenvolvidas cumprem o dever que foi outorgado pela Lei 10.639/03, que é levar o ensino de história da África e dos afrodescendentes para educação básica e, conseqüentemente, valorizar a memória e a identidade negra, que tanto foram ignoradas, marginalizadas e quase aniquiladas pelo Estado, após décadas de violência institucional.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CARVALHO, Leonardo Dall'Acqua. **Cesare Lombroso e Raimundo Nina Rodrigues entre as ciências do século XIX: o estudo do negro como criminoso**. 2014. 245 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.
- GOÉS, Weber Lopes. **Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl**. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos impérios: 1875-1914**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- HOFBAUER. A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**, São Paulo 2006,
- MUNANGA, Kanbele. Educação e diversidade cultural. *Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira* – FEUFF, nº 10 jan 2008/jul 2010.
- PARADA, Maurício. **História da África contemporânea** / Maurício Parada, Murilo Sebe Bom Meihy, Pablo de Oliveira de Mattos, Rio de Janeiro 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. *História, Ciência e Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, supl.,dez.2016
- TAMBASCIA, Christiano Key. **Representando o Congo: uma análise antropológica dos quadrinhos de Tintim**. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.